



Para traduzir Babel (percurso ensaístico com poemas)

Patrícia Lavelle

Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro

DOI: 10.34640/universidademadeira2024lavelle

Confesso um certo incômodo com o convite para escrever um artigo sobre tradução. Como apresentar, em prosa teórica, o tema, o problema ou a instigação desencadeadora de minha escrita poética? Resolvo, então, propor uma forma de exposição híbrida, na qual alguns poemas entrarão como se fossem imagens que menos ilustram do que interrompem a argumentação, propondo desvios e introduzindo distrações.

*

Babel. O nome evoca a narrativa bíblica muitas vezes citada e retomada, que gostaria de contar aqui mais uma vez. Nela, uma comunidade teria tentado erigir uma cidade e uma torre capaz de tocar o céu e assim fazer para si mesma um nome que aboliria toda alteridade, inclusive a di-

vina. Tal projeto, fundado na ilusão de uma fala única e unificadora, é a imagem do desejo de uma linguagem suprema, de uma pura linguagem, perfeitamente transparente, confrontando-se à efetiva pluralidade linguística e à relativa opacidade no interior de cada língua. Babel, que figura o desejo da linguagem única, é, portanto, também a imagem da confusão linguística que resulta de seu fracasso inevitável.

Que fique claro: Babel não é um conceito do qual eu poderia dar uma definição, também não é exatamente uma metáfora. Trata-se de um motivo ou um tema que atravessa um conjunto de poemas, e talvez seja também uma alegoria: designa uma coisa e seu contrário, e ainda uma outra coisa, e outra, e outra. Por isso não posso definir Babel – como traduzir então, senão contando ainda? E recontando não apenas uma, mas duas histórias.



PARA TRADUZIR BABEL

Arca de Babel

Era uma vez duas histórias:
a cidade em construção
era este barco à deriva.

Nele, as línguas, enroscadas,
pares híbridos e férteis,
cresciam e multiplicavam-se.

Um abarcar, muitas arcas:
esta cidade à deriva
é balbúrdia e tradução.

L'Arche de Babel

Il était une fois deux récits :
cette ville qu'on bâtissait
c'était le bateau à la dérive

où les langues accouplées
en paires hybrides et fertiles
croissaient et se multipliaient.

Un rassembler, maints semblants
la ville à la dérive était
polyphonie et traduction.

Traduzir Babel é também despedir-me: de duas cidades, de duas línguas, de todo monolinguismo. De uma longa despedida foi surgindo aos poucos, a partir de 2014, *Bye bye Babel*, tardio primeiro livro de poemas, publicado inicialmente em 2018, depois reescrito em francês, e editado na França em 2023. Neste processo tradutório invertido, que ocorreu durante os anos pandêmicos, quando estive vivendo novamente em Paris, surgiram poemas novos: eram traduções sem original, escritas diretamente nesta língua que aprendi na juventude e adotei já adulta, durante um longo período anterior de emigração, entre 1999 e 2014.

Essa dupla despedida também tem uma história na qual a prática e a reflexão sobre a tradução desempenham um papel importante. Por volta de 2010, quando morava em Paris, descobri com espanto que não tinha escrito nenhum texto em português durante os dez anos anteriores. E

isso embora viesse de publicar um livro bastante volumoso, que correspondia à minha tese de doutorado em filosofia, defendida dois anos antes na École des Hautes Études en Sciences Sociales (LAVELLE, 2008). Assim, para atender o pedido de um colega brasileiro, traduzi um artigo para português. A partir daí, comecei a me traduzir, reescrevendo os artigos acadêmicos produzidos inicialmente em francês.

Isso não foi muito fácil no início. Faltavam palavras e sobretudo formas de ligação, articulações sintáticas. No entanto, não sou bilíngue desde a infância, o francês é uma língua que aprendi na juventude e só se tornou minha língua de escrita quando uma outra língua, ainda mais estrangeira e tardia, veio instalar essa Babel: o alemão, que precisei aprender em francês. Sobre esse nó, que é também uma tradução para Babel, escrevi um poema:



Palavra estrangeira

Entre palavras e coisas,
há sempre alguma distância:
na palavra, a coisa é outra
na coisa, a palavra nem é.
Mas essa coisa sonora,
que a palavra é também,
é uma forma de armadilha
pra pegar uma outra coisa.

Preso em palavra estrangeira,
uma coisa é ainda mais outra
menos diversa dela mesma
que do meu próprio silêncio.

Mas a palavra estrangeira
que tardiamente apreendi
em prévia palavra estrangeira
torna-se coisa ainda mais diversa
prendendo-me assim à primeira.

Coisa apreendida no tempo,
toda palavra é armadilha
onde eu, ela ou isto
(a coisa pensante = X)
capturada, captura-se:
toda palavra é estrangeira.

Parole étrangère

Entre les mots et les choses
il y a toujours quelque distance :
dans le mot, la chose est une autre
dans la chose, le mot n'est point.
Mais cette chose retentissante
que chaque mot est-il aussi,
n'est-elle pas une sorte de piège
pour attraper bien autre chose?

Prise dans la parole étrangère
une chose est encore plus autre
et diffère moins d'elle-même
que de mon propre silence.

Mais la parole étrangère
bien tardivement prise
dans une toute autre parole
elle aussi, auparavant apprise,
devient la chose plus étrangère
qui m'attache à la première.

Chose attrapée dans le temps,
chaque mot est lui-même un piège
où je, elle, cela
(la chose pensante = x)
est captive et se capture :
toute parole est étrangère.



PARA TRADUZIR BABEL

Diante do silêncio mais íntimo que apreendemos apenas na palavra, diante dessa cesura a-semântica que traduz de uma língua a outra, toda palavra é estrangeira. E fora desse hiato que se abre entre as línguas, permitindo a circulação

“As aves que aqui gorjeiam
não gorjeiam como lá”

Heimat é esse lá
exilado
em qualquer
aqui

entre elas, estamos sempre no exílio. Por isso, uma das traduções que dou para Babel é uma palavra para mim duplamente estrangeira: “Heimat”, que traduzo com Gonçalves Dias:

« Les oiseaux qui me chantent là
n’enchangent pas comme là-bas »

Heimat est un là-bas
qui débarque
à chaque
là

O francês é uma língua átona. As frases ganham alguma tonicidade apenas com as pausas, num movimento ligeiramente ascendente logo antes da parada, mas não há tônicas marcadas nas palavras. Nisso, a língua francesa é mais distante do português do que o alemão; sua monotonia alterou e ainda altera meus gestos, postura corporal, tom de voz numa experiência que outras pessoas também relatam a propósito desta e de outras línguas adquiridas.

Escrevi poemas na infância, mas o projeto de uma escrita poética madura só surgiu no estra-

nhamento da língua materna e sem dúvida da nostalgia de seu ritmo. E esse projeto trouxe uma intimidade com a materialidade do português brasileiro, com as tonalidades afetivas de seus acervos rítmicos que até então desconhecia. Isso incluiu o estudo dos arquivos métricos, das formas tradicionais de versificação, nas quais se sedimentam afetos. Com a escrita poética, fui desenvolvendo uma consciência sensível e sensual do material linguístico. Essa experiência corresponde, assim, a uma erotização da linguagem que se aparenta ao Eros da tradução.

Traduzida

A língua do tradutor invade a minha boca
e lúbrica aliso a plástica muscular
de suas vogais macias
e essa reta ligeiramente ascendente
de cada frase sua
penetra
o elástico rítmico das minhas sílabas
em duplo silêncio
gozo
o eco nessa outra voz
langueur monotone
dentro

Traduite

La langue du traducteur envahit ma bouche
et lascive je lisse la plastique musculaire
de ses voyelles douces
et cette ligne légèrement ascendante
de chacune de ses phrases
pénètre
l'élastique rythmique de mes syllabes
en double silence
je jouis
l'écho dans cette autre voix
langueur monotone
dans



“Eros e logos” é o título que dei à série de poemas que está na origem de *Bye bye Babel*, da qual faz parte o poema acima. Traduzo “logos” como propõe Hamann, o contemporâneo e conterrâneo de Kant que Walter Benjamin tanto citou, até mesmo quando não evocava o seu nome.

“Razão é língua: logos”. O pensamento não é uma matéria rarefeita incorpórea. Vive imediatamente na linguagem, mas dela em princípio se distingue, como indica Benjamin em seu ensaio “Sobre a linguagem humana e sobre a lingua-

gem em geral” (BENJAMIN, 2018b). Pois com a palavra “linguagem”, abstração que empregamos comumente para falar da pluralidade efetiva das línguas em sua materialidade discursiva em constante movimento, aponto também a possibilidade de passagem entre elas, através da tradução, e de comunicação de conteúdos de pensamento através de uma língua, compreendida assim apenas como meio de comunicação.

Então, para traduzir mais uma vez Babel, observo o tradutor em seu trabalho:

O Tradutor

O corpo contorce
um gesto sem
som
esboça ritmos
em movimento arritmico
dos lábios.

Entre duas tramas
(fonemas
palavras
sintagmas
sintaxes
sentidos
entre parêntesis)

um hiato:
cesura a-semântica
intervalo

e salto

Le traducteur

Le corps se tord
gestes sans
bruit
esquisse de rythmes
en cadences arhythmiques
des lèvres.

Entre deux trames
(phonèmes
syntagmes
syntaxes
signes
entre
parenthèses)

un hiatus :
césure asémantique
intervalle

et saut



PARA TRADUZIR BABEL

Desconfio que o erótico vem dessa brecha entre a linguagem e o pensamento, brecha que implica o corpo através do ritmo e do gestual de elocução. Esse Eros concerne à passagem entre as línguas,

sobre a qual se funda a pluralidade linguística. Vem daquilo que, na pele polimorfa e sensível do logos, se abre à tradução. É fissura: abertura ao outro, diálogo.

Diálogo

Senti teu olhar endurecer
entre as minhas
palavras:
intumescência imediata
naquela fenda
obscura
entre o corpo e o discurso.

Dialogue

J'ai ressenti ton regard durcir
entre mes
mots :
intumescence immédiate
dans cette fente
obscur
entre le corps et le discours

Paul Ricoeur, num pequeno livro intitulado *Sobre a tradução*, pensa a passagem que se opera na tradução como “elaboração de correspondências sem adequação”, de “equivalências sem identidade”. Deixando de lado uma certa filosofia da tradução que oscila entre a tese de sua impossibilidade teórica e a constatação de sua prática efetiva, ele a concebe como “construção de comparáveis” (RICOEUR, 2011: 65-68).

Para Ricoeur, a tradução aparece como objeto de um desejo que vai além da necessidade de comunicação intralinguística em sua utilidade prática. Citando uma tradição que vai de Lutero a Benjamin, passando pelo Romantismo, ele afirma que esse desejo não diz respeito apenas ao sonho babélico de abolir a diferença entre as línguas, seja pela via iluminista da eliminação de todas as intraduzibilidades no âmbito de uma racionalidade universal, seja pela espera messiânica de uma pura linguagem, radicalmente expressiva. Segundo Ricoeur, o desejo de traduzir concerne sobretudo à descoberta das potencialidades da língua de partida e dos recursos inaproveitados da língua de chegada. Esse desejo diz respeito

ao alargamento dos horizontes linguísticos. Trata-se, assim, do desejo de acolher a outra língua no processo de transformação e de reconfiguração da própria língua.

Talvez seja isso que a prática da tradução tem em comum com a invenção poética no interior da língua: o desejo de hibridizá-la, de torná-la excessiva e estranha a si mesma, mais aberta e mais fértil. Entretanto, diferente de Ricoeur, não tenho tanta certeza quanto às fronteiras entre o próprio e o outro. Por isso, talvez, a escrita poética me conduza novamente ao desejo de traduzir, desta vez em sentido inverso, do português para o francês. Ou ainda de produzir poemas duplos, com versões nas duas línguas.

O desejo de traduzir Babel veio comigo em tantas travessias atlânticas, num complicado regresso, sempre interrompido, à língua materna. Nela inscreveu uma alteridade que acabou por aflorar neste processo mais recente de autotradução invertida e de criação poética translíngua. A propósito, aliás, desta ambivalência na maternidade da língua, esse poema se endereça ao meu filho Gabriel:

**Língua materna**

Ouve, meu filho, um tempo:
a língua era uma só
melodia
em redondilhas ingênuas
rimas minúsculas
e naturais
como passarinho em lata
de leite ninho

A língua, pura como água
em leite maternizado,
era
uma
única
imensa infância

Mas no leite vivo do meu peito
enriquecido
com variados nutrientes
esse ritmo
já veio entremelado
num outro mais lento, mais longo, sussurrada
monotonia, em doze doses, uniformes

Por isso o sabor da sua língua
foi sempre duplo,
maternelles, foram as suas primeiras letras,
mas múltipla de nascença, é sua infância

Embora fale em “desejo de traduzir”, Ricœur faz considerações gerais sobre a possibilidade de passagem entre as línguas num processo tradutório cuja efetividade prática sempre contradiz sua impossibilidade teórica. Entretanto, o “eu” que traduz não é uma mera forma de ligação sem conteúdo – sujeito transcendental agenciador desta abstração babélica que nomeamos linguagem –, mas uma voz singular, situada num certo corpo, sempre a um certo ponto de distân-

Langue maternelle

C’était autrefois un temps
où langue n’était qu’une
mélodie
naïve
de comptine
aussi facile et naturelle
que les deux rives de la rivière
que les dérives de la rime

La langue, pure comme l’eau
pour lait maternisé,
était
une
seule
immense enfance

Mais dans le lait vivant que tu trouvais
dans mes seins déjà
enrichi
de nutriments variés
ce rythme
ancien
est déjà venu mêlé
d’un autre plus lent plus long, langueur monotone
murmurée en douze doses, uniformément

Et voilà pourquoi la saveur
de ta langue
fut toujours double
et multiple de naissance, est ton enfance

cia ou proximidade não apenas histórico e cultural, mas também afetivo e estético dos recursos linguísticos que mobiliza para traduzir. Escolhas tradutórias não apenas se confrontam (e reagem) a hierarquias interlinguísticas, nas múltiplas valorizações socioculturais das línguas, mas vem também impregnadas de investimentos afetivos, estéticos e imaginários que incidem sobre este desejo de traduzir ultrapassando a necessidade prática de comunicação entre diferentes códigos.



PARA TRADUZIR BABEL

Meu desejo de traduzir concerne esta língua e *aquela*. Inscrevendo-se nas brechas de uma dada geopolítica das relações linguísticas (e literárias), inverte o sentido habitual do outro ao próprio, como se pudesse ampliar, na língua adotada, o espaço de acolhida para a materna. Se há nesse desejo alguma hostilidade invasiva ou intrusiva – contraface ambivalente da hospitalidade

linguística em jogo na tradução – não o associo à tradução antropofágica dos concretistas, em sua aspiração de inversão da hierarquia entre original e tradução, numa subversão de colonialismos culturais¹. O que desejo é “maternizar” esta língua aprendida, mas também adotada e transmitida, nela introduzindo um acento particular, ecos de outro ritmo.

Eco

Nem sempre corresponde. “Responde onde?”
Pondera, repetindo. “Repetindo?”
Responde, repetindo lindo lindo
o eco à minha última palavra.

A lavra de ouro, essa palavra em larva...
“A lavra em larva?” Metáfora parva.
Imagem sonora em caricatura?
Cacofonia numa bela figura?

Figura bela “belabel a bel”
em eco invertida: abel, babel.
Vertida essa vertigem em espelho

partido de Narciso... “Ciso, siso?”
E nisso ironizo... é, ironizo.
Quem é que sonha em prosa? Eco trova.

Écho

Ne correspond pas toujours. « Répond où ? »
Elle songe, répétant. « Répétant ? »
L'écho reprend et répond « épatant
épatant » à mon beau dernier mot

L'œuvre en or, ces mots si beaux si jumeaux
« Les mots-jumeaux... » Métaphore-bateau ?
S'honore ainsi la caricature ?
Cacophonie dans une figure ?

Figure belle « belabel a bel »
en écho inversée : abel, babel.
Versé ce vertige d'un miroir

parti de Narcisse... Circé, sensé ?
Ainsi j'ironise... si, et mince !
Qui peut songer en prose ? Echo glose

Numa tradução de poesia é importante recriar a forma poética, preservando na transposição a informação estética do original, como sugere aliás Haroldo de Campos (2013: 31-48). Vejo-me, assim, a cada vez, intervindo pontual e concretamente no material sonoro e no tecido cultural da língua adotada para refazer um poema. E vou tomando aqui e ali certas liberdades, como uma

hóspede que fosse ao mesmo tempo dona da casa, e pudesse deslocar os móveis, trazer novos objetos, fazer e refazer arranjos. Esta ambivalência está, aliás, presente na palavra francesa *hôte*, que designa tanto a pessoa recebida quanto a que recebe. Quem vive entre duas casas é sempre hóspede de si mesma. Tenho, de fato, duas casas – e nenhuma delas é minha.

¹ Penso aqui, por exemplo, em “Tradição, tradução, transculturação: o ponto de vista do ex-cêntrico”, ensaio no qual Haroldo de Campos associa a prática da tradução à antropofagia modernista. Segundo ele, a “deglutição antropofágica” em jogo na prática da transcrição “não acarreta submissão (um catecismo), mas uma “transculturação” na qual “todo o passado estrangeiro merece ser negado”, num movimento de “des-hierarquização” entre original e tradução (CAMPOS, 2011:126)



Referências bibliográficas

BENJAMIN, Walter (2018a), “A tarefa do tradutor”, *Linguagem, tradução, literatura (filosofia, teoria e crítica)*, trad. e ed. João Barrento, Belo Horizonte: Autêntica, pp. 101-119.

BENJAMIN, Walter (2018b), “Sobre a linguagem em geral e sobre a linguagem humana”, *Linguagem, tradução, literatura (filosofia, teoria e crítica)*, trad. e ed. João Barrento, Belo Horizonte: Autêntica, pp. 49-73.

CAMPOS, Haroldo de (2011a), “Para além do princípio da saudade: a teoria benjaminiana da tradução”, *Da transcrição. Poética e semiótica da operação tradutora*, Belo Horizonte: FALE/UFMG, pp. 63-74.

CAMPOS, Haroldo de (2011b), “Tradição, tradução, transculturação: o ponto de vista do ex-cêntrico”, *Da transcrição. Poética e semiótica da operação tradutora*, Belo Horizonte: FALE/UFMG, pp. 123-131.

CAMPOS, Haroldo de (2013), “Da tradução como criação e como crítica”, *Metalinguagem & outras metas*, São Paulo: Perspectiva, pp. 31-48.

LAUNAY, Marc de (2007), *Lectures philosophiques de la Bible. Babel et logos*, Paris: Hermann.

LAVELLE, Patrícia (2022 [2018]), *Bye bye Babel*, reed. ampliada, Rio de Janeiro: 7Letras.

LAVELLE, Patrícia (2023), *Bye bye Babel*, Dijon/Marseille: Al Dante/Les Presses du Réel.

LAVELLE, Patrícia (2008), *Religion et histoire: sur le concept d'expérience chez Walter Benjamin*, Paris: Cerf.

RICOUER, Paul (2011), *Sobre a tradução*, trad. e prefácio de Patrícia Lavelle, Belo Horizonte: Editora da UFMG.

